

JARAGUÁ E A LUTA POR SUA ORIGEM

SOARES, Caio da Cruz

BRAGANÇA, Junio Silva

Resumo: Este artigo tem como objetivo evidenciar a importância da descoberta sobre a real origem da fundação da cidade Jaraguá, através de memórias requeridas por intermédio de leis régias sancionadas pela coroa portuguesa. Apontar qual a contribuição desta descoberta para memória histórica da cidade e para os estudantes das instituições de ensino do município. Foi realizada entrevista com o professor João Luiz das Graças Soares relatando como veio esta descoberta.

Palavras-chave: Descoberta. Real origem. Luta. Contribuição.

1. Introdução

Ao final do século XX, a historiadora professora Mestra Dulce Madalena Rios Pedroso, Graduada em Licenciatura Plena Em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1981), graduação em Licenciatura Curta Em Estudos Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1981) e mestrado em História das Sociedades Agrárias pela Universidade Federal de Goiás (1992), assumiu uma posição muito importante ao realizar trabalhos da história e memória de Jaraguá, ao perceber que havia contradições a respeito das datas de origem da cidade.

Sendo assim, foi a fundo em pesquisas na tentativa de encontrar a provável data de sua origem. Após descobrir indícios, foi em busca de pessoas interessadas, mas havia certa resistência, devido ao cultivo das concepções históricas anteriores, o que dificultava o andamento das pesquisas. Na primeira década do século XXI recebeu colaboração de pessoas para dar continuidade às pesquisas e uma dessas pessoas foi o professor João Luiz das Graças Soares, formado em Magistério, lecionou 36 anos na rede pública de ensino do município e membro da Academia Jaraguense de Letras.

Havendo um fenômeno interessante a respeito da história da cidade em que alunos e professores não aceitavam a existência de duas ou mais versões, em maio de 2010, a fim de debater essa questão e retirar uma proposta mais próxima possível da verdade, a prefeitura municipal de Jaraguá organizou o / *Simpósio da História da Fundação de Jaraguá.*

Por estar amparada na documentação histórica escrita, a versão que informa que, em 1736, negros faiscadores descobriram ouro no Córrego do Jaraguá (antigo nome da cidade), foi a proposição oficialmente aceita. A cidade celebra seu aniversário todo 29 de julho e a sua idade cronológica sempre foi contabilizada a partir de sua emancipação relativa a cidade de Pirenópolis, o que ocorreu em 1882. Sendo assim, a câmara de vereadores, de posse dos dados históricos correspondentes ao ano de 2010, reconheceu em sessão solene em 2011, que sua fundação remonta às primeiras décadas do século XVIII mais precisamente ao ano de 1736 e 29 de julho continua sendo a data comemorativa, pois não se conhece precisamente sua data de fundação.

2. Em Busca Pela Origem

A abordagem feita pela historiadora articulou-se ao analisar detalhadamente, duas versões acerca do descobrimento das jazidas de ouro de Jaraguá: a primeira pela documentação histórica escrita e a segunda baseada na memória popular da referida cidade.

A documentação histórica escrita informa que negros faiscadores do ouro descobriram jazidas no local onde floresceu a cidade de Jaraguá. Entretanto, tal documentação também se origina na memória. Em 1782, D. Maria I, Rainha de Portugal, mediante a Ordem Régia, determina a cada governador e ouvidor das Capitânicas do Brasil que escrevessem as memórias anuais de suas respectivas unidades, registrando estabelecimentos, fatos, coisas notáveis e dignas sucedidas desde a fundação.

Assim, surgem os primeiros registros da memória da população sobre os inícios de Goiás. O primeiro deles, em cumprimento a essa Ordem Régia, foi escrito em 1783, 57 anos após o início da colonização portuguesa em Goiás. Tal memória tem como título "*Descrição da Capitania de Goyaz, e tudo que nela é notável até o ano de 1783*". Sobre Jaraguá registrou-se que o arraial estava subordinado a Meia Ponte e sobre o descobrimento do ouro informa que o fato se deu em 1736, por pretos faiscadores.

Ainda em consequência do cumprimento à Ordem Régia, encontrou-se outra descrição, em forma de memória, escrita em 1785: Memória do descobrimento e coisas notáveis da Capitania. Por Custódio Pereira da Veiga,

escrito no ano de 1785. Memórias anuais escritas no ano de 1785. O conteúdo das informações é praticamente o mesmo daquele escrito em 1783, com poucas informações adicionais.

Certamente, houve várias memórias nesse período, em cumprimento à Ordem Régia da Rainha de Portugal. O consagrado trabalho de Silva e Souza, *Memória do descobrimento e cousas mais notáveis da província de Goiás*, escrito em 1812, possivelmente em obediência à Ordem Régia, refere-se ao arraial do Córrego de Jaraguá, repetindo o conteúdo das memórias de 1783 e 1785 no que diz respeito ao descobrimento das jazidas de ouro.

Os viajantes europeus, como Pohl, Saint Hilaire, D'Alincourt e Pizarro, e ainda Cunha Matos, governador das armas em Goiás, todos percorreram a Capitania de Goiás no período correspondente às duas primeiras décadas do século XIX, registrando impressões, costumes e a história do surgimento dos arraiais auríferos. Todos eles registraram as informações coletadas entre os habitantes do arraial, relatando que as minas de Jaraguá foram descobertas por negros faiscadores do ouro, porém, as datas ali contidas variam entre 1736 e 1737.

Aos relatos registrados nas memórias anuais do final do século XVIII e nas informações extraídas dos habitantes do arraial de Jaraguá, pelos cronistas europeus das primeiras décadas do século XIX, a historiadora Dulce chamou de memória antiga. Esta perdurou desde o final do século XVIII até a época dos viajantes e, possivelmente, tenha continuado durante um determinado tempo, até quando cessou de se transmitir de geração em geração. Assim, uma nova versão acerca do descobrimento das minas de ouro em Jaraguá substituiu a memória antiga, baseando-se na memória local e na tradição.

Estudiosos da história de Goiás como Zoroastro Artiaga (1951), Jarbas Jayme (1971), bem como a escritora jaraguense Nelly Alves de Almeida (1982) atribuem ao bandeirante português, Manoel Rodrigues Thomaz, Guarda-Mór das minas de Meia Ponte (e seu fundador), a descoberta de ricas jazidas de ouro também em Jaraguá, em 1731.

Contudo, segundo argumento dos autores, Thomaz não pôde explorá-las em virtude das acusações que pesavam sobre ele, dirigindo-se, então, para o norte a fim de explorar as minas do Rio Maranhão. As informações transmitidas por Artiaga, Jayme e Almeida possuem variações, porém a descoberta do ouro

e a antecipada colonização de Jaraguá estão ligadas à figura do bandeirante português.

A análise da documentação histórica pesquisada permite sugerir que a versão do descobrimento das minas de Jaraguá, pelo bandeirante Thomaz, consolidou-se no século XX. Contudo, nem todas as fontes produzidas no referido século foram unânimes com relação ao descobrimento e exploração das jazidas por Thomaz. A *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (1958) informa que não se sabe ao certo a data em que teve início a povoação de Jaraguá. Entretanto, sem mencionar o bandeirante português, fala de uma exploração clandestina do ouro. Já o *Levantamento Histórico e Econômico dos Municípios Goianos* (1971) registra a versão dos negros faiscadores do ouro, em 1737, como descobridores de jazidas em Jaraguá.

Quando se atribui a negros faiscadores a descoberta de jazidas de ouro no córrego do Jaraguá, não significa que esses escravos fundaram o arraial. Na história de Goiás, como mostra Gilka Vasconcelos F. de Salles (1983), várias jazidas foram encontradas por escravos já práticos em socavões. Contam-se, além de Jaraguá, as minas de São Miguel de Thesouras, Pilar e Cocal. Desse modo, os escravos podiam comprar ou ganhar a alforria de seus senhores, devido aos achados.

A versão que atribui o descobrimento do ouro a Thomaz foi aceita pela comunidade jaraguense. Nas últimas décadas do século XX, essa história foi transmitida a alunos do primeiro grau e, até pouco tempo, era ainda repetida mesmo por alguns professores. Apesar de haver a disposição de trabalhos que questionam tal versão (por exemplo, PEDROSO, 1999) a comunidade jaraguense continuou a aceitar a versão do descobrimento do ouro por Thomaz, durante quase 10 anos, sem sequer discutir, mais cuidadosamente, à luz das ferramentas oferecidas pelo método de estudo da história.

A isso se acrescenta a falta de interesse entre os professores, além do desconhecimento de aspectos que envolvem a memória coletiva. Contudo, foi observado pela historiadora que, a partir de 2009, o debate atingiu um número significativo de professores do ensino fundamental e médio de Jaraguá, à medida que surge uma exigência ou interesse das instituições oficiais de educação do país sobre a história regional. Conta-se também com o surgimento de trabalhos sobre a cidade que apresentam versões divergentes

sobre os inícios de Jaraguá, versões estas levadas aos professores através de publicações e defesas de dissertações de mestrado e tese de doutorado.

Todo esse trabalho teve grande labor não apenas em seu conteúdo, mas também em sua continuidade, evidenciado no relato do professor João Luiz das Graças Soares em entrevista:

“Por felicidade nossa, nós fizemos uma pesquisa na biblioteca nacional, inclusive um autor goiano, já tinha descoberto essa data, porém não havia publicado, para mais coincidência ainda, esse autor era amicíssimo e um ídolo da Dulce, então foi muito fácil juntar o material da pessoa e o material da Dulce e trazer para Jaraguá. O material do Paulo Bertran que é o historiador, aponta que Jaraguá foi fundado no ano de 1736 por pretos fiscadores do ouro e não como em algumas obras elaboradas sem essa averiguação dizia. Então nós confrontamos estas duas datas para ver qual delas poderia ser oficializada pela câmara e aí procuramos por apoio de intelectuais influentes no município, mas não corresponderam. E aí não digo pra você que foi fácil, mesmo tentando levar tudo para câmara, levar para sociedade lê e tudo. Agente ainda tinha muito antipatizantes da gente nesse sentido. E também a gente teve que usar a data real e trazer um livro com todas essas documentações, distribuir nas escolas e distribuir para cada vereador, para que todas as sessões, eles já estivessem lido e indo com eles. A luta foi muito ferrenha de muitos anos, demorou anos, levou quase oito anos para a gente poder levar para câmara, para ser votado ”

3. Considerações finais

. Professores atualmente ensinam a versão encontrada na documentação histórica da Ordem Régia contidas no acervo da Biblioteca Nacional no estado do Rio de Janeiro, versão esta aprovada em sessão solene pela câmara municipal dos vereadores do município de Jaraguá.

Segundo o censo do IBGE 2015, Jaraguá possui 41.870 habitantes, 8 escolas municipais, 7 escolas estaduais, 4 particulares, 4 CMEIs, 1 Universidade e 1 faculdade. Portanto, possui grande potencial para desempenhar trabalho diferenciado na educação de seus alunos afim de descobrir com precisão a data (dia e mês) do ano de fundação, que ainda não se sabe.

Na análise de todo esse processo ficou evidente que houve dificuldades, mas, no entanto persistiu-se e obteve êxito ao findar. Ficando como

contribuição para as novas gerações, investigar e apurar a real origem dos fatos. Possuindo este artigo pretensão de contribuir ao interessado estudante da origem da cidade Jaraguá, motivando-o a persistir na busca por consolidação dos fatos a serem analisados.



Referências:

FREITAS, Lucia Gonçalves de (Org). **Aspectos histórico-sociais de Jaraguá**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2012.

PEDROSO, Dulce Madalena Rios. **Revista de Divulgação Científica IGPA**, v.3. Goiânia: PUC-GO, p.183-197,1999.

ROMACHELI, Maria Helena de Amorim. **História de Jaraguá**. Goiânia: Kelps, 1998.

SOARES, João Luiz das Graças ET AL. **Parceiros da História – Jaraguá**. Goiânia: Kelps, 2008.